

Audiovisual

Fest Aruanda encerra 15ª edição com uma programação híbrida

Nesta quarta-feira, com uma programação híbrida, o 15º Fest Aruanda segue para seu encerramento. Nas redes sociais do evento, a partir das 9h, acontecerá ao vivo os debates com os realizadores de curtas e longas-metragens que foram exibidos no dia anterior. Já ao meio-dia, haverá um debate com as homenageadas da edição sobre o tema "O Cinema de Helena Solberg e o pioneirismo da cineasta Vânia Perazzo na Paraíba nos anos 1980".

As cineastas Solberg e Perazzo ganham suas reverências presencialmente, a partir das 19h, no Cinépolis (Manárra Shopping), em João Pessoa. A solenidade de encerramento também terá transmissão ao vivo através do Youtube e Facebook do festival.

"É um evento que valoriza o cinema nacional, mas, sobretudo, o paraibano, que é tão pouco conhecido e por isso é como uma janela para a divulgação do cinema", declarou a diretora e roteirista paraibana Vânia Perazzo.

"Ela foi a primeira mulher a dirigir um longa-metragem na Paraíba, *Por Trinta Dinheiros*, além de curtas que vem produzindo desde a década de 1980; Vânia Perazzo representa um passo à frente no empoderamento feminino no âmbito cinematográfico numa época até mais difícil do que hoje e constitui um exemplo para as novas gerações", disse o diretor executivo do Fest Aruanda, Lúcio Vilar.

Em plena atividade, Perazzo, lançou mais um trabalho no ano passado, *O Que os Olhos Vêem*, que foi exibido na Mostra Competitiva do Festival.

A outra homenageada da noite, a carioca Helena Solberg, é reconhecida como a única mulher a participar do movimento do Cinema Novo. Dentre seus trabalhos, o documentário *Carmen Miranda*:



Fotos: Divulgação

"Me Chama Que Eu Vou", filme sobre a trajetória de 50 anos do cantor Sidney Magal, será exibido presencialmente e na Internet pela plataforma do evento



Carioca Helena Solberg (E) e paraibana Vânia Perazzo (D) serão as cineastas homenageadas desta noite

Bananas is my Business (1995), e *Vida de Menina* (2004), uma adaptação do livro de Helena Morley que ganhou seis prêmios no Festival de Gramado.

Para encerrar a noite, às 22h, tanto na telona do Cinépolis quanto no streaming da plataforma oficial do evento na Internet, serão exibidos gratuitamente o curta-metragem *Zuza Homem de Mello*, de Jorge Bodanzky, e o longa *Me*

Chama Que Eu Vou, documentário de Joana Mariani (de *Todas as Canções de Amor*) sobre o cantor Sidney Magal.

O filme faz um resgate da trajetória de Magal, desde a infância até o presente, repassando os seus mais de 50 anos de carreira. O título vem de uma de suas músicas mais famosas, que foi tema de abertura da novela *Rainha da Sucata* (1990), na época da lambada.



Através do QR Code acima, acesse a plataforma oficial do Fest Aruanda

Em Sobrado, exposição "A Ponto de Ser" explora a arte do pontilhismo

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

A jovem artista paraibana Albenise Vasconcelos está com uma exposição em cartaz que conta com suas obras de pontilhismo realizadas entre 2017 e 2020. A mostra *A Ponto de Ser* acontece gratuitamente no município de Sobrado (PB), na recém-inaugurada Casa da Cultura, até o dia 29 de janeiro. A visitação adota todas as medidas de biossegurança.

Albenise lembra que, quando criança, nas atividades da escola não tinha tanta paciência para desenhar através do pontilhismo. A inspiração para a artista veio em 2016 com a referência de outro nome da Paraíba: Wanessa Dedo Verde. "Ali, eu tentei fazer algo dentro da técnica e percebi, com o primeiro trabalho, que tinha paciência sim", brinca. "Fui gostando da técnica e acabei deixando o grafite meio de lado".

Para o pontilhismo, são utilizadas por ela um papel

de alta gramatura (300g ou acima) e caneta nanquim. As figuras, totalmente em pontilhismo, são inspiradas em fotos de algum amigo fotógrafo ou de algo indiretamente criado mentalmente.

A curadoria da exposição foi realizada por Rickson Martiniano. "Foi uma seleção realizada de forma remota. Fomos observando quais obras se comunicavam mais entre si, até que fizemos o recorte entre 2017 e 2020, que foi quando comecei a explorar mais o pontilhismo", comenta o curador.

A pequena cidade de Sobrado conta com Albenise como a artista por trás de sua primeira exposição na história, como ela adianta. "Por ser uma cidade pequena, de sete mil habitantes, a gente acaba tendo pouco contato com a arte. Precisei sair daqui, por exemplo, para estudar arte em João Pessoa. Passei na graduação em Artes Visuais e participei de exposições coletivas desde então, mas por aqui nunca tive oportunidade de expor até pouco tempo atrás", explica.

O impulso que resultou na exposição veio a partir da Lei Aldir Blanc no Estado, através do qual Albenise Vasconcelos inscreveu o projeto e foi selecionada.

Agora, os planos da artista visual de 23 anos são em relação à visibilidade das artes em sua cidade natal. "Quero focar no município de Sobrado para que mais pessoas tenham acesso à arte. Pretendo realizar, em 2021, oficinas de desenho e pintura e participar de outras exposições coletivas. A arte está aí para ser compartilhada", finaliza.

Fotos: Divulgação



Técnica aplicada pela artista paraibana Albenise Vasconcelos poderá ser vista até final de janeiro na Casa da Cultura

Crônica em destaque

Luiz Augusto de Paiva
guthov@gmail.com

Punhado de areia

Para Alexandre Nunes que não teve tempo de se despedir

No último sábado, 12 de dezembro, fui surpreendido pela notícia de que o nosso amigo, o jornalista Alexandre Nunes, havia perdido a batalha para o coronavírus. Meu contato com Alexandre veio da Editora A União, na qual faço parte do conselho editorial. Era ali que Alexandre estava locado. Gentil, inteligente, não foi difícil estabelecer uma camaradagem entre nós, trocar ideias, concordar, divergir. Alexandre era uma conversa agradável e sempre me pareceu vendendo saúde. Essa sua viagem fora do combinado, sem fazer as malas, sem se despedir, deixou-me sem palavras, demorei até para acreditar. Liguei para um, para outro e tive que acabar acreditando, era ele mesmo, Alexandre.

A vida vai continuar, a Terra continuará girando em torno do Sol, mas essa sua partida repentina me faz lembrar as palavras do poeta britânico John Donne (1572-1631) que serviram de epígrafe do livro *Por quem os sinos dobram*, de Ernest Hemingway (1899-1961):

"Nenhum homem é uma ilha, todo em si; todo homem é uma parte do continente, uma parte da terra.

Se um torrão de terra é levado pelo mar, a Europa é diminuída, tanto se fosse um promontório, como também se fosse uma casa de teus amigos ou a tua própria.

A morte de todo homem me diminui, porque faço parte da humanidade.

Então nunca pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por ti."

É isso aí, meu caro Alexandre, àqueles que lhe são próximos ficará o vazio que não haverá de ser preenchido. No trabalho, por imprescindível eu seja, alguém terá que dar continuidade às suas tarefas. Tanto num caso como noutro ficará a sensação de que a humanidade ficou diminuída.

Muito triste!

E eu cá me perguntando: até quando essa pandemia vai atuar nessa aritmética perversa de subtraírentes?

É temeroso pensar de como esse vírus poderoso vai roubando vidas. Difícil descobrir alguém que não perdeu um ente querido, um parente, um amigo... Nós, por mais precauções que tomemos, estamos na linha de tiro. Um toque de mão no mais improvável objeto, podemos estar dando carona para esse "bichinho safado". Alguém pode ter deixado ele por lá e uma vez que monta em nossa garupa: pronto! O imponderável nos espera.

Ainda é um mistério. Esse vírus ataca uns, não é fatal em outros e tem até gente que nem imagina que ele está por dentro, são os assintomáticos. Mas quando pega para valer é difícil escapar.

E a cura? E a tal da vacina? Quando chega? Está difícil prever.

Enquanto isso ficamos a mercê do embate entre um mauricinho empetecado e um capitão tresloucado que usam da pandemia para disputar o protagonismo à direita da política brasileira. Nessa altercação entre um governador e o presidente é nós que vamos pagando o pato.

Com eles ou sem eles, um dia a vacina chegará. Seja ela chinesa, russa, britânica ou de qualquer outro lugar, estou ansioso para tomar uma espetada e um mês depois outra para garantir a imunidade. Depois, como dizem: é sair pro abraço!

Enquanto isso... O que nos sobra é ficar atentos, tomarmos precauções, seguirmos os protocolos. Teremos um Natal mais triste e nem devemos nos juntar para celebrar a chegada de um ano que certamente não será pior do que esse que está no exterior. É o que nos resta.

Hoje, me perdoem os que costumam gastar um tempinho lendo este escrevinhador. Vou deixar de lado aqueles casos que conto aqui, aquelas mentiras (sempre são!). Está difícil mexer com aqueles músculos da face que nos fazem sorrir. Fico devendo para a próxima semana.

Hoje é para lamentar uma grande perda, para deixar registrada aqui a tristeza de ver que o oceano levou um torrão de terra de nosso continente no sábado que passou.

Por hoje é só.

O resto é silêncio, até que alguns sinos dobrem por nós.